

MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

09 febr
21/2/98 4
456

Ser índio

• Aproveitei o carnaval de 1994 para dar uma volta pela Cabeça de Cachorro nas asas da FAB. A Cabeça de Cachorro é aquele lugar do extremo Norte, fronteira com a Colômbia, que no mapa parece um animal de perfil, de boca aberta. No caminho fui parando, a partir de Boa Vista, em lugares perdidos dos limites com a Venezuela, onde só moram soldados, padres e funcionários da Funai, além dos índios ianomamis.

Lugar perdido, dizem os soldados, não são nem os que têm nomes desanimadores, como Puxa Faca e Vila Onça. Perdido mesmo são aqueles que têm dois cus: Cucui, Surucucu. Em Surucucu a aldeia ianomani fica de um lado da pista de pouso e o quartel do Exército do outro. É um quartel moderno, com uma inteligente arquitetura de madeira, pensada para aproveitar a passagem das brisas que amenizam o calor equatorial. Tem todo o necessário para a vida de um pelotão de fronteira, inclusive uma antena parabólica.

No carnaval, os ianomamis atravessam a pista e ficam vendo a TV. Seguem o desfiles dos blocos e das escolas de samba no Rio de Janeiro. Dizem que os blocos fazem mais sucesso que as escolas de samba. É que os blocos têm muitos índios, enfeitados com penas de espanador, e os ianomamis acham uma graça imensa nessa versão que os civilizados dão dos índios.

O outro lado da medalha: qual será a visão que os índios têm de nós, gente urbana? Até o ano passado, quando o Comitê de Educação Indígena do Ministério da Educação publicou uma maravilhosa "Geografia indígena", não tínhamos registro de como eles nos vêem. O livro, escrito e ilustrado pelos índios que participaram de um curso de formação de professores do Parque do Xingu, dá o que pensar. Por exemplo: todos nós achamos que sabemos o que é uma cidade. Mas a definição do índio Adjihá Yudjá talvez nos surpreenda: "Cidade é o lugar dos brancos, onde ficam os empresários, os pobres, os ladrões e o presidente". Será bom viver na cidade? Os índios parecem achar que não. Tempty Suyá adverte: "Cidade é um lugar muito perigoso para quem não sabe ler e não sabe usar dinheiro. A cidade é muito importante para quem tem dinheiro, pois pode dormir no hotel, pagar almoço, pagar jantar. Na cidade não se anda com muito dinheiro na rua: se você anda com muito dinheiro, o ladrão pega o seu dinheiro e te mata. Na cidade é perigoso para quem não tem documento e sem os documentos não se entra no Congresso para conversar com gente importante, como os senadores". Ter de pagar a comida que se come é um dos aspectos da vida das cidades que mais choca os índios. Para eles, a comida é de graça, porque é na natureza que a vão

buscar, pescando nos rios, caçando nas matas, colhendo nas roças. Mas há, também, outras indagações desconfiadas: "Por que o branco gosta da cidade? Será que não enjoa de escutar barulho de carro?"

E como será ser índio de verdade? Tempty Suyá, que é didático, responde: "Para ser índio tem de ter cabelo comprido, pintar o corpo de jenipapo, urucum, fazer artesanato, falar a língua própria e comer comida de graça. Para ser índio tem de comer tudo, como cobra, ovo de cobra, macaco, jacaré, tracajá, peixe, sapo, ovo de pássaro, usar flecha, arco, remo, canoa e cocar. Para ser índio, tem que rezar para a chuva cair, rezar para dor de cabeça, diarreia, para poder viver direito. Para ser índio precisa morar na aldeia, conhecer bem como viver com a natureza. Precisa conhecer os espíritos dos animais bravos que ficam no mato e outros espíritos que existem na floresta. Ser índio é caçar, morar junto com a família, ajudar os parentes a trabalhar, poder morar na casa dos outros por muito tempo, oferecer comida para todo mundo, brincar e dançar para a alegria do povo".

Os povos do Xingu conhecem os seus direitos, defendem a demarcação de suas terras e sabem que, sem demarcação, seriam invadidos e terminariam por desaparecer. Aturi Kayabi explica: "Nós, índios, não sabemos viver de outro jeito, nosso costume é de viver fazendo tudo, não são as fábricas que nos fazem viver, mas sim a natureza e o nosso trabalho. Sendo assim, a nossa Terra Indígena é um pedaço do nosso coração. Todos os seres que nascem na terra têm o direito de viver. Ninguém é mais gente do que o outro".

A "Geografia indígena" é apenas um dos livros que pela primeira vez estão sendo elaborados pelos índios, para uso nas suas 1.500 escolas, com a ajuda de consultores antropólogos e lingüistas. Há muitos outros, lindos e bilíngües, como o "Livro das árvores", dos ticunas, "Palavras escritas para nos curar", dos watorikis, ou "Histórias das nossas aldeias", dos tapirapés. Quem mais gosta dos livros indígenas são os diplomatas, em princípio os funcionários públicos mais sofisticados e cosmopolitas. Se deixassem, ficavam com as edições inteiras. É que mostram os livros para os gringos das ONGs e dizem: "Mister, tá vendo como tratamos bem os nossos índios?"